
O perfil dos professores de Sociologia do município de Uberaba e suas percepções sobre sua formação e atuação docente

The profile of Sociology teachers in the city of Uberaba and their perceptions about their training and teaching performance.

Natalia Ap. Morato Fernandes

Docente do Departamento de Sociologia e Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM; Doutora em Sociologia (Unesp).

E-mail natmorato@gmail.com

Patrícia de Oliveira Branquinho Silva

Professora de Sociologia da rede estadual de ensino de Minas Gerais; Mestra em Educação (UFTM)

E-mail

pattybranquinho@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar o perfil profissional dos professores de Sociologia em atuação nas escolas estaduais de Ensino Médio do município de Uberaba, MG, durante o ano de 2019. Pretende, ainda, analisar as percepções desses professores sobre a sua formação e sobre sua prática docente, enquanto professor de Sociologia. Trata-se de um trabalho fundamentado nos princípios da pesquisa qualitativa, de abordagem exploratória, utilizando como instrumentos para a coleta de dados o questionário e a entrevista semiestruturada. Para a análise de dados, utilizou-se da Técnica de Análise de Conteúdo, alicerçada em Bardin (2016). Os resultados da investigação apontam para as seguintes questões: os professores participantes da pesquisa são, em sua maioria, do sexo feminino, com faixa etária entre 25 e 39 anos e com mais de 6 anos de experiência docente; 96% são formados em Ciências Sociais, percebem fragilidades em sua formação para a docência, entretanto, caracterizam-se como profissionais autônomos e criativos em sua prática docente. Com base nos resultados da pesquisa, conclui-se que a consolidação da Sociologia, como disciplina escolar, ainda está em construção; assim como estão o “como fazer”, a didática, o currículo e a própria imagem do professor de Sociologia.

Palavras-chaves: Perfil profissional do professor de Sociologia. Ensino de Sociologia. Formação de professores. Educação básica.

Abstract

This article aims to present the profile of Sociology teachers working in state high schools in the city of Uberaba, MG during 2019. It also intends to analyze the perceptions of these teachers about their education and their teaching practice as a professor of Sociology. This is a work based on the principles of qualitative research, with an exploratory approach, using the questionnaire and semi-structured interview as instruments for data collection. For data analysis, we used the Content Analysis Technique, based on Bardin (2016). The results of the investigation point to the following questions: the teachers participating in the research are mostly female, aged between 25 and 39 years old and with more than 6 years of teaching experience; 96% are graduated in Social Sciences, perceive weaknesses in their training for teaching, however, they are characterized as autonomous and creative professionals in their teaching practice. Based on the results of the research, it is concluded that the consolidation of Sociology, as a school discipline, is still under construction; as well as the “how to do it”, the didactics, the curriculum and the own image of the Sociology teacher.

Keywords: Professional profile of the Sociology teacher. Sociology teaching. Teacher training. Basic education.

Introdução

A Sociologia, enquanto disciplina escolar, tem uma trajetória de intermitência na educação básica brasileira. A literatura sobre ensino de Sociologia aponta que os primeiros esforços para incluir a Sociologia nas escolas brasileiras ocorrem ainda no século XIX. No entanto, sua presença se torna mais perceptível ao longo do século XX, porém, marcada por sua inconstância nos currículos escolares. Pode-se afirmar que a disciplina de Sociologia esteve mais presente nos currículos dos cursos secundários de magistério do que no Ensino Médio regular. Encontra-se amplo referencial registrando mobilizações no campo da Educação, a partir dos anos de 1980, pela reinserção da disciplina nos currículos escolares, bem como mapeando o processo conturbado que culminou na aprovação da Lei nº 11.684, de 2008, tornando

finalmente obrigatório o ensino de Sociologia no Ensino Médio¹. Entretanto, pesquisadores da área (GUIMARÃES, 2012; MORAES, 2009; SILVA, 2004; SILVA, 2009) apontam outros desafios enfrentados, a partir daí, para a consolidação da disciplina na educação básica e as constantes ameaças quanto a sua permanência como disciplina obrigatória na formação do estudante brasileiro.

Após mais de dez anos presente nos currículos faz-se necessário manter as discussões e as pesquisas em torno do ensino de Sociologia, dada a importância da construção constante de uma educação pública de qualidade. Os conhecimentos que a disciplina de Sociologia proporciona, como a compreensão da vida em sociedade, são essenciais para a formação do jovem brasileiro e suas contribuições para a formação do estudante ultrapassa o conhecimento das teorias e conceitos do campo sociológico, já que contribui para a formação cidadã desse jovem. Entretanto, este estudo tem como foco de investigação outro sujeito desse processo educativo: o professor de Sociologia. Acreditamos que, para alcançar o potencial formativo da Sociologia, é necessário o trabalho de professores com formação e condições de trabalho adequadas.

Nesse sentido, buscou-se identificar o perfil profissional dos professores que atuam como docentes da disciplina de Sociologia nas escolas estaduais do município de Uberaba, MG, além de procurar identificar a percepção desses professores acerca de sua formação e atuação docente. Para tanto, identificou-se – junto à Superintendência Regional de Ensino de Uberaba (SRE) – a existência de 28 cargos² de Sociologia nas escolas estaduais do município. Desse modo, o quantitativo de 28 professores de Sociologia passou a constituir o *corpus* da pesquisa, sendo aplicados questionários a todos os professores da disciplina de Sociologia da rede estadual de ensino, das 24 escolas estaduais, em atuação no Ensino Médio do referido município. Dentre esse grupo foram selecionados cinco professores para a realização de

¹ Para aprofundamento sobre esse processo conferir: BODART, Cristiano das Neves; AZEVEDO, Gustavo Cravo de; TAVARES, Caio dos Santos. Ensino de Sociologia: processo de reintrodução no Ensino Médio brasileiro e os cursos de Ciências Sociais/Sociologia (1984-2008). **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 27, p. 214-235, jun. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8964>>. Acesso em: 19 set. 2020. doi:<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n27p214-235>.

² Um cargo de professor na rede estadual de ensino de Minas Gerais corresponde a 20 horas de trabalho. Um professor pode ter até dois cargos e, nesse caso, terá uma carga horária de 40 horas semanais.

entrevista individual semiestruturada. A pesquisa foi realizada no ano de 2019, sendo que os questionários foram aplicados no primeiro semestre e as entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2019.

Para a análise de dados foi utilizada a Análise de Conteúdo, método de investigação que se preocupa com a mensagem e a sua interpretação, por meio de sinais que estão contidos em comunicações. A análise de conteúdo é um modo de investigação de manifestações simbólicas em comunicações que se sistematizou por volta dos anos de 1940. Segundo Bardin (2016, p.37), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Assim, a análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” (análise temática), embora possa ser também uma análise dos “significantes” (análise lexical, análise dos procedimentos) (BARDIN, 2016, p. 41). Desse modo, a análise de conteúdo foi utilizada nesta investigação como forma de orientar e de organizar a análise e a interpretação dos dados coletados, buscando evidenciar as percepções dos professores de Sociologia sobre a sua formação e prática docente.

Este trabalho está fundamentado em estudos do campo de Ensino de Sociologia, que analisam a formação do professor de Sociologia e sua atuação na educação básica, como Handfas e Oliveira (2009), Guimarães (2012), Lennert (2009) e Silva (2004; 2009). Fundamenta-se também em estudos da área de Educação voltados à análise da formação e da profissionalização docente, como Huberman (2000), Libâneo (2008), Gatti (2014) e Pimenta (2012). Desse modo, as análises apresentadas neste artigo situam-se na interface entre os estudos sobre Ensino de Sociologia e a formação de professores para analisar o perfil profissional e as percepções dos professores de Sociologia sobre sua formação e atuação docente.

Este artigo está organizado da seguinte forma: após a introdução apresenta-se o perfil profissional dos professores de Sociologia da rede estadual de ensino de Uberaba-MG, em exercício no ano letivo de 2019. Na seção "Desenvolvimento profissional dos professores de Sociologia", evidenciam-se algumas ações desses professores relativas ao seu desenvolvimento profissional. Em seguida, são apresentadas as análises das entrevistas dos professores participantes da pesquisa sobre as suas percepções acerca da sua formação acadêmica e atuação docente. Por fim, nas considerações finais, apontam-se as conclusões deste estudo.

1 Perfil profissional dos professores de Sociologia

A situação de intermitência da Sociologia na educação básica gerou algumas consequências, conforme destacado por Guimarães (2012, p. 85):

[...] dificultou a constituição de um corpo de profissionais habilitados; mais que isso, não possibilitou a construção de uma comunidade de professores comprometidos com o ensino da disciplina no nível médio, que tomassem para si a elaboração de uma proposta de ensino para Sociologia que respaldasse os objetivos propostos em seu currículo disciplinar.

Contudo, especialmente a partir dos anos 2000, é perceptível a movimentação da área visando sua estruturação e superação dos desafios, o que é constatado pelo aumento nas pesquisas relativas à disciplina de Sociologia, na área da Educação, ou mais especificamente, voltadas ao Ensino de Sociologia. As mobilizações pela inserção da Sociologia como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio alcançaram significativas conquistas nas últimas duas décadas, como exemplos podemos citar: a publicação de legislações educacionais que tratam e normatizam o ensino de Sociologia na educação básica; a promulgação da Lei 11.684/2008, a qual altera o art. 36, da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio; e a inclusão da Sociologia nas políticas públicas e programas educacionais e de formação de professores, como por exemplo, o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), o Pibid (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), o ProfSocio (Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional).

Apesar de todos os esforços e conquistas dos últimos anos, pesquisas recentes ainda apontam um número significativo de profissionais com formação em outras áreas, atuando como professores de Sociologia. O Censo da Educação Básica, com dados relativos a 2018, aponta que:

De acordo com o indicador de adequação da formação docente para a etapa de ensino em questão, o pior resultado é observado nas disciplinas de Sociologia. Dessas disciplinas declaradas nas turmas de ensino médio, apenas 28,4% são ministradas por professores com a formação adequada (INEP, 2019, p. 42).

Foi com base nesse contexto que nasceu a proposição da pesquisa³ que deu origem a este artigo, com o objetivo de investigar qual o perfil dos professores de Sociologia em atuação nas escolas estaduais de Ensino Médio do município de Uberaba, MG.

O *corpus* da pesquisa foi composto especificamente por docentes da disciplina de Sociologia da rede estadual de educação, em exercício no ano de 2019, num total de 28 professores, em 24 escolas de Uberaba. O questionário e a entrevista semiestruturada foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados. O questionário foi aplicado a todos os professores desse *corpus* de pesquisa, com o objetivo de identificar o perfil e as características da formação acadêmica e da atuação profissional desse grupo. Dentre os professores desse grupo, foram selecionados cinco para a realização de entrevista semiestruturada, com o intuito de investigar as percepções destes professores sobre a sua formação acadêmica e sobre sua prática docente no ensino de Sociologia.

Os professores participantes da pesquisa são, em sua maioria, do sexo feminino – 64% mulheres e 36% homens. A faixa etária é heterogênea, no entanto há um predomínio de jovens entre 25 a 29 anos (42,8%) e adultos de 30 a 39 anos (42,8%), dados um pouco diferentes da maioria dos professores de Ensino Médio no país que, segundo INEP (2018), estão acima de 40 anos. Nesta pesquisa, apenas 14,4% dos participantes estão acima de 40 anos.

Quanto ao regime de contratação, mais da metade dos professores pesquisados estão em regime de contratação permanente: 57% são efetivos e 43% são designados (contrato de trabalho temporário). Essa tendência de um número maior de professores efetivos certamente está relacionada ao contexto da Lei nº 11.684/2008, que tornou obrigatório o ensino de Sociologia, exigindo a abertura de vagas para professor de Sociologia nos concursos da rede estadual.

No que se refere ao nível de formação acadêmica dos participantes, 75% são Licenciados em Ciências Sociais, 21% são Bacharéis e Licenciados em Ciências Sociais, ou seja, possuem as duas habilitações, e 4% são Licenciados em Filosofia. Esse quadro se destaca por mostrar que, dentro das escolas estaduais de Uberaba,

³ SILVA, Patrícia de Oliveira Branquinho. A percepção dos professores de Sociologia do município de Uberaba, MG, sobre sua prática docente. 2020 [97 f.]. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020.

96% dos professores de Sociologia são licenciados na área, um grande avanço da categoria, visto que no início da inserção da disciplina no estado de Minas Gerais havia um quadro de professores de Sociologia das escolas públicas ocupados por pedagogos, historiadores, filósofos, advogados. (GUIMARÃES, 2004, p. 187).

Importante destacar que contribuiu para este resultado a existência (ainda que por um breve período – de 2002 a 2016) de dois cursos de Ciências Sociais no município, que contribuíram para a formação de professores de Sociologia em Uberaba e região, além do curso de Ciências Sociais ofertado pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia), na cidade vizinha, Uberlândia, elemento que particulariza as características do município em relação ao cenário nacional, quanto à disponibilidade de profissionais com formação e habilitação específica na área do ensino da Sociologia.

Entre os professores participantes da pesquisa, além da formação em Ciências Sociais, 14% possuem outra graduação. Quanto à formação em nível de pós-graduação, 29% concluíram pelo menos uma especialização *lato sensu* e 18% concluíram pós-graduação *stricto sensu*. Somando os percentuais de professores que são pós-graduados e/ou possuem outra graduação, esses dados demonstram que 61% dos professores de Sociologia das escolas públicas do município possuem uma qualificação maior que o mínimo exigido para o exercício do cargo.

No que diz respeito ao tempo de experiência profissional como professor da disciplina de Sociologia, 50% trabalham como professores de Sociologia há mais de seis anos. Cruzando as informações sobre idade, formação acadêmica e tempo de experiência profissional, os dados indicam que os professores de Sociologia que estão atuando na rede estadual de ensino de Uberaba são majoritariamente jovens, com formação específica na área de atuação e já passaram da fase de “professor iniciante”, configurada pelos três primeiros anos de experiência docente (HUBERMAN, 2000, p. 47).

Observando-se o tempo de docência, considerado aqui não somente como professor de Sociologia, 57% são professores há cerca de 6 a 10 anos, 14%, de 3 a 5 anos, 14%, de 11 a 15 anos, 11%, de 1 a 2 anos e 4% possuem até 1 ano de docência. Tais dados corroboram com a perspectiva apresentada acima, de que se trata de um grupo de professores experientes, apesar de majoritariamente jovens. Evidenciam,

ainda, que a maior parte do tempo de experiência docente do grupo foi como professor de Sociologia.

Visando obter dados sobre a rotatividade de professores nas escolas, perguntamos aos informantes sobre o tempo de atuação na escola em que estavam em exercício no momento da pesquisa: 47% estavam, no máximo, há 1 ano; 25%, de 3 a 5 anos; 14%, de 6 a 10 anos; 14%, de 1 a 2 anos. Uma particularidade do município é que a primeira nomeação para professor de Sociologia só ocorreu em 2012, 4 anos após a promulgação da Lei de sua obrigatoriedade, e para o segundo concurso, realizado em abril de 2018, ainda não havia ocorrido nomeações até abril de 2020. Essa informação nos ajuda a compreender por que apenas quatro professores de Sociologia permanecem atuando na mesma escola por mais de 6 anos e sete professores pelo período de 3 a 5 anos. Desse modo, os dados evidenciam a prevalência de uma alta rotatividade de professores de Sociologia nas escolas estaduais.

Sobre a modalidade de ensino na qual a disciplina de Sociologia é ofertada nas escolas pesquisadas, de acordo com os professores da disciplina: 61% das escolas estaduais de Uberaba ofertam-na em duas modalidades – Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA); 36%, apenas Ensino Médio Regular; e 3%, apenas EJA.

A carga horária da disciplina de Sociologia nas escolas estaduais geralmente é de 1 hora/aula (50 minutos) semanal em cada uma das séries do Ensino Médio. Das escolas pesquisadas, apenas uma não correspondia a essa carga horária, por desenvolver um trabalho de educação continuada, com a oferta da disciplina na modalidade EJA e, geralmente, a professora da disciplina permanece em atendimento aos alunos em torno de 5 horas/aulas semanais durante o módulo.

Ainda com relação à carga horária de Sociologia no Ensino Médio, os dados que obtivemos nas escolas de Uberaba, conforme apresentados acima, corroboram com o que é encontrado no cenário nacional – a maioria dos estados brasileiros estabelece uma hora/aula semanal para esse componente curricular. Entretanto, há o consenso entre os professores de Sociologia⁴ de que a carga horária da disciplina

⁴ Conforme apresenta-se mais adiante neste artigo ao analisar as entrevistas realizadas com professores de Sociologia. Cf. Guimarães e Tomazini (2004).

de Sociologia é pequena para o conteúdo prescrito, além de impelir à precarização do trabalho docente ao forçar o professor a assumir maior número de turmas e, conseqüentemente, aumentando seu trabalho burocrático.

A abordagem do conteúdo em sala de aula é desenvolvida comumente de duas maneiras, 64% disseram que adotam a abordagem por temas da Sociologia e 36% preferem abordar correntes do pensamento sociológico.

A seguir apresentaremos alguns dados, apurados nos questionários, sobre atividades desenvolvidas pelos professores de Sociologia visando ao seu desenvolvimento profissional docente.

2 Desenvolvimento profissional dos professores de Sociologia

Neste trabalho, desenvolvimento profissional é compreendido como as atividades que desenvolvem habilidades, conhecimento, *expertise* e outras características individuais do professor. De acordo com Libâneo (2008, p.75):

A profissionalização refere-se às condições ideais que venham a garantir o exercício profissional de qualidade. Essas condições são: formação inicial e formação continuada nas quais o professor aprende e desenvolve as competências, habilidades e atitudes profissionais; condições de trabalho (recursos físicos e materiais, ambiente e clima de trabalho, práticas de organização e gestão).

Nesse sentido, consideramos que o desenvolvimento profissional contribui tanto para a aquisição de conhecimentos formais como para um processo de autoconhecimento profissional, com impacto na sua atuação docente. Isto é, o desenvolvimento profissional atrela, num movimento de práxis, a experiência desenvolvida em sala de aula aos novos conhecimentos adquiridos no processo formativo e, ainda, à reflexão sobre o seu fazer didático-pedagógico.

De acordo com Lins (2014, p.11):

A expressão da *expertise* no contexto de aula envolve a sua preparação, as interações com os alunos, a sua condução, o desenvolvimento da temática, as estratégias didáticas escolhidas, a avaliação, a conclusão da aula e a preparação dos alunos para as próximas aulas.

Cabe esclarecer que se considerou, neste estudo, apenas o desenvolvimento profissional de que o professor tenha participado após sua formação inicial

(Graduação) e, particularmente, aquele realizado no contexto da sua atuação docente, dentro do recorte de tempo da pesquisa (2008–2019). Os dados indicam que mais de 70% dos professores participantes desta pesquisa estiveram em processos de formação continuada concomitante ao seu exercício profissional docente. No total, 71% dos professores participaram de cursos/oficinas de trabalho docente (por exemplo, sobre disciplina ou métodos e/ou outros tópicos relacionados à educação). 82% dos professores participaram de conferências ou de seminários sobre a Educação (quando os professores e/ou os pesquisadores apresentam resultados de suas pesquisas e discutem problemas educacionais), bem como de programas de qualificação profissional (por exemplo, curso em nível de graduação ou pós-graduação que ofereça diploma ou certificado). No total, 71% dos professores participaram de visitas de observação a outras escolas.

Os dados da pesquisa também evidenciam que 79% dos professores não participaram de uma rede de professores de Sociologia (*network*) formada especificamente para seu desenvolvimento profissional. 61% dos professores não desenvolveram pesquisa, individual ou em colaboração, sobre um tópico de Sociologia de seu interesse profissional. 75% dos professores não se envolveram em orientação e/ou observação feita por um colega e supervisão, organizadas formalmente pela escola.

Observamos, neste cenário, que as atividades de participação em cursos/oficinas, conferências/seminários e visitas a outras instituições tiveram maior participação dos professores. Interpretamos que tal resultado pode estar ligado às suas características, por fazerem parte de atividades de formação continuada e/ou por serem atividades coletivas oferecidas pontualmente. Por outro lado, percebemos que as atividades de participação em redes de profissionais, de pesquisa e de orientação/supervisão, que aparentam estar ligadas a interesses pessoais (ainda que profissionais), não tiveram grande adesão dos professores.

Para ampliar o leque de atividades voltadas ao desenvolvimento profissional, perguntamos aos informantes sobre a realização de atividades de aprimoramento profissional menos formais. As respostas revelam que, no âmbito informal, mais de 70% dos professores participantes da pesquisa estiveram em contato com literaturas e conversas acerca do ensino de Sociologia. Um total de 89% dos professores fizeram

leitura de literatura profissional sobre Sociologia (por exemplo, jornais, artigos/trabalhos com base em evidências, teses). 96% dos professores participaram de conversas informais com os seus colegas sobre como melhorar sua prática no ensino de Sociologia. Com relação à participação em grupos de redes sociais com colegas, 79% dos informantes afirmam participar de tais grupos visando à melhoria de sua prática docente no ensino de Sociologia. Dessa forma, os dados evidenciam uma grande preocupação dos professores de Sociologia, participantes desta pesquisa, em se manterem atualizados em relação às produções de sua área profissional, bem como em estabelecer canais de interação, sejam presenciais ou virtuais, com seus colegas de profissão.

Sobre as suas necessidades de desenvolvimento profissional como professor de Sociologia, a questão que obteve mais votos relaciona-se à necessidade de capacitação em ensino de alunos com necessidades educacionais especiais, bem como para a solução de problemas de disciplina e de comportamento dos alunos. O resultado apontado pelos participantes remete às questões que desafiam os professores cotidianamente, independentemente da disciplina que ministram ou da etapa de ensino, ou seja, não dizem respeito exclusivamente aos professores de Sociologia.

3 Percepções dos professores de Sociologia sobre sua formação acadêmica e sobre sua prática docente

Para o estudo das percepções dos professores de Sociologia sobre a sua formação acadêmica, bem como de sua prática docente, foram realizadas cinco entrevistas com professores em exercício no ano de 2019 nos cargos da disciplina de Sociologia da rede estadual de ensino no município de Uberaba, MG. O material obtido foi tratado e decodificado conforme as regras estabelecidas por Bardin (2016), com a criação de unidades de contexto e de categorias de análise. Apresentaremos a seguir os resultados da pesquisa com relação à unidade de contexto “formação do professor de Sociologia”, categoria “percepção sobre a formação” e a unidade de contexto “docência no ensino de Sociologia”, categoria “percepção sobre a prática”.

Quanto à formação dos professores entrevistados temos: um é licenciado em Ciências Sociais e quatro possuem as duas habilitações, bacharelado e licenciatura; dois possuem mestrado em Ciências Sociais e um está com o mestrado em Ciências Sociais em andamento. Todos são formados em instituições públicas (estaduais ou federais).

No que diz respeito à formação dos professores de Sociologia, notamos na fala dos entrevistados como se deu a descoberta da disciplina e a decisão por cursar a graduação de Ciências Sociais. Notamos, também, que nem todos tinham o entendimento claro do que era essa área de conhecimento.

Cabe salientarmos que, no Brasil, os modelos formativos dos cursos de Ciências Sociais nas universidades são: bacharelado e licenciatura. O bacharelado em Ciências Sociais e a licenciatura em Ciências Sociais, atualmente, são oferecidos de forma presencial ou à distância. A discussão em torno dos modelos de formação de professores nas Ciências Sociais está em instruir-se para o bacharelado e/ou para a licenciatura, ser pesquisador e/ou professor (HANDFAS, 2009; LIMA, 2009). Seguem abaixo relatos dos entrevistados:

Quando eu decidi fazer Ciências Sociais não era algo que eu tinha muita noção do que se tratava essa área de conhecimento. Então eu sempre estudei em escola pública e eu tinha começado a fazer um curso na parte administrativa, um curso de graduação e eu não gostava muito do curso, lembro que no período a gente fez uma matéria [de humanidades] com uma professora [...] e aí eu pensei que poderia ser uma possibilidade atuar num campo de licenciatura (PF1T, acréscimo nosso).

[...] eu entro como aluno de escola pública, entro na Federal de Lavras que é a UFLA, faço dois anos de Química, daí lá eu já não tenho... não me identifico com o curso [...] eu queria algumas respostas que a Química não me dava a respeito da sociedade. Daí eu vou procurar os cursos que melhor me forneceria essa resposta, fico em dúvida entre Filosofia e Sociologia e acabo prestando Ciências Sociais (PM1M).

Dos cinco professores entrevistados, quatro são de Minas Gerais e um do estado de São Paulo; quatro deles estudaram em escolas públicas e um teve parte da sua formação da educação básica em instituição particular de ensino. Os quatro que estudaram em escolas públicas demonstram que obtiveram maior conhecimento das Ciências Sociais e a sua descoberta, propriamente dita, apenas durante a sua formação inicial. Por outro lado, o professor que em sua trajetória escolar esteve em

estabelecimento de ensino privado, em Minas Gerais, obteve o conhecimento sobre as Ciências Sociais atuando em uma realidade mais favorável a seu desenvolvimento profissional. Percebemos em sua fala:

Desde o início do meu ensino médio, eu descobri a Sociologia com um professor que se dedicava muito a mostrar o que era a Sociologia para os alunos, e aí então, quando eu fui prestar vestibular, eu entrei no IF e lá eu cursei Ciências Sociais, o curso de licenciatura. [...] porque eu fiz o 1º ano do ensino médio numa escola pública, em uma escola enorme, aquele tipo de escola que é o que eu trabalho hoje, que infelizmente o professor para poder ganhar um pouquinho, para poder sobreviver, ele tem que dar aula em muitas turmas, então o professor não conhece o aluno que ele tem, né! Não conhece as individualidades. E aí quando eu fui para essa outra escola, que era uma escola particular que eu fui bolsista, eu descobri uma outra forma de ensino, também, [...] com menos alunos na sala, e era cidade pequena então a realidade também é diferente do que a gente vê hoje nas grandes escolas particulares, né! Mas era uma quantidade pequena de aluno, era o professor conhecendo de verdade aquele aluno, o professor dedicando a realmente ensinar e fazer com que o aluno aprendesse, né. (PF2N).

Se, por um lado, o favorável contato com os conhecimentos das Ciências Sociais deu-se a partir de uma escola privada para um dos professores, outros dois professores entrevistados tiveram suas escolhas de formação influenciadas positivamente por movimentos sociais, uma ligação que pode ser justificada pelo fato de os movimentos sociais serem um dos temas de estudos das Ciências Sociais.

[...], mas quando eu retornei, eu retornei convicta de que eu queria formar mesmo na área de Ciências Sociais que não era nada do Direito, não [...] que era Ciências Sociais mesmo. E foi uma trajetória que eu conheci vários movimentos sociais e participei do movimento estudantil, é... foi uma trajetória muito interessante [...] (PF3C).

[...] tem algumas experiências [...] do movimento estudantil, movimento trabalhista como um todo, especialmente com o MST, daí com o movimento social e eu queria algumas respostas que a Química não me dava a respeito da sociedade. Daí eu vou procurar os cursos que melhor me forneceria essa resposta, fico em dúvida entre Filosofia e Sociologia e acabo prestando Ciências Sociais (PM1M).

Os entrevistados apontam, conforme os trechos acima, que o contato e/ou participação em movimentos sociais foram elementos importantes em sua formação no âmbito das Ciências Sociais.

Os desafios que surgiram devido à aprovação da Lei nº 11.684/2008 concernem ao profissional habilitado, ao currículo, aos materiais didáticos, às

metodologias de ensino, entre outros. Apesar de já se passarem mais de 10 anos da aprovação da lei de obrigatoriedade, ainda são recorrentes os problemas do ensino de Sociologia no Ensino Médio. Uma das causas desses problemas foi a situação de intermitência da disciplina nos currículos escolares nacionais.

Para alguns estudiosos, o movimento de entrada e de saída da disciplina de Sociologia no Ensino Médio, nos currículos escolares, provocou diversos problemas na área: inibiu a formação de profissionais habilitados, dificultou o desenvolvimento da disciplina nas escolas, enfraqueceu a formação de professores da área (GUIMARÃES, 2012; LENNERT, 2009; SILVA, 2004; SOBRAL, 2015).

Quando questionados sobre suas percepções sobre a formação para a docência durante o curso de graduação, todos os professores foram enfáticos em responder que tiveram uma formação insuficiente para a atuação docente.

Não, olha tudo que eu faço hoje foram de pesquisas, de horas de estudo e de planejamento, que eu fui aprender quando eu saí da graduação. Então, algumas tecnologias, como as TIC's assim que eu tento utilizar na medida do possível, tudo isso eu fui conhecer fora da graduação e é algo para pensar. [...] existem matérias em todas as graduações, pra pensar em práticas pedagógicas voltada para o conteúdo, mas eu vejo que isso não é muito... (PF1T).

Jamais. Meu curso não propiciou. O que me propiciou de fato foi o Pibid, o Pibid sim. O Pibid me instrumentalizou pra ser professor [...] (PM1M).

O curso que eu fiz, a formação na área do bacharelado, teórico, assim, eu tive professores muito bons, mas na formação docente, na licenciatura, eu tinha uma professora muito boa, que eu gostava das aulas dela, que eu aprendi realmente algumas coisas voltadas para o ensino, para prática docente, mas comparado com que poderia ser eu acho que deixou muito a desejar, eu acho que eu não tive uma formação docente boa, a minha licenciatura não acredito que fez tanta diferença na minha prática docente não (PM2M).

Olha, eu tenho dito muito isso, inclusive no meu curso de Mestrado que eu tô fazendo agora, eu acho que licenciatura ainda é muito pobre, no sentido de entender a realidade do professor e conseguir [formar um profissional] qualificado para essa realidade, eu acho que ainda tá numa questão muito teórica né, pouco prática e pouco instrumental também, eu acho que falta ainda um certo entendimento maior. Eu não sei como é que tá hoje, mas na época as matérias não contribuíram para minha formação enquanto docente, assim, foi muito decoreba [...] eu não senti que realmente contribuiu para entender a educação como eu entendo hoje [...] (PF3C,acréscimo nosso).

A formação de professores é uma discussão que gera debates em todas as áreas institucionais de Educação no país, e tem sido um grande desafio para as

políticas educacionais (GATTI, 2014, p. 35). Um dos problemas relativo às licenciaturas, de modo geral e, portanto, também às de Ciências Sociais, é dar maior ênfase ao conteúdo da área específica e menor atenção à formação didático-pedagógica do professor (GATTI, 2014). Não queremos, com isso, questionar a importância da formação teórica e específica da área, pretendemos afirmar a igual importância que os dois eixos formativos (teórico/específico e didático-pedagógico) devem receber na formação do professor de Sociologia. Ainda de acordo com Gatti (2014, p.39):

O esquema de formação híbrido que se consolidou historicamente no país, desde as origens das licenciaturas no início do século passado, postas como adendo dos bacharelados, mostra-se quase impermeável à construção de concepções específicas para a formação de professores tendo a educação e seus aspectos fundamentais como eixo curricular básico. A questão importante, no entanto, é que se oferece nesses cursos apenas um verniz superficial de formação pedagógica e de seus fundamentos que não pode ser considerado como realmente uma formação de profissionais para atuar em escolas na contemporaneidade.

Em nossas universidades existe uma tendência em supervalorizar o bacharelado em detrimento da licenciatura. Característica que também permeia as Ciências Sociais (HANDFAS, 2009, p. 190). Do mesmo modo, a comparação e a depreciação em relação aos tipos de processos formativos ficam explícitas nas falas dos participantes das entrevistas.

Um dos grandes desafios da prática docente é a articulação entre teoria e prática. Nos cursos de licenciatura, de modo geral, essa questão é tratada nos estágios curriculares obrigatórios. Conforme Guimarães (2012, p. 55), a docência também depende da prática e da experiência, portanto, são essenciais as atividades pedagógicas e o estágio durante a graduação. A percepção dos entrevistados sobre o estágio obrigatório, durante a formação inicial, remete a dificuldades e limites dessa formação.

Foi desesperador (risos)! [...] o meu estágio não me preparou para... Eu não sei hoje como que tá, porque eu estou distante do Ensino Superior, como estão sendo os estágios, mas o meu estágio não me preparou para o que é de verdade a docência, eu acho que a gente teve muita teoria e pouca aplicação (PF2N).

Os entrevistados revelam percepções de lacunas em suas formações iniciais para a docência: destacam o caráter eminentemente teórico dos cursos que realizaram e a pouca efetividade dos componentes voltados à formação docente.

No que se refere às percepções dos entrevistados sobre o início da sua atuação profissional no magistério, a novidade da docência em Sociologia foi comum entre os informantes; os obstáculos percebidos foram desde os problemas com a didática até as dificuldades em lidar com a burocracia escolar – questões comuns ao início da carreira docente.

[...] eu não sabia como elaborar uma prova, então elaborava uma avaliação que não avaliava minimamente. [...] eu não tinha ninguém para me ajudar nesse processo de escolher os conteúdos, de saber como abordar, de saber lidar com problemas do cotidiano ali, então isso foi muito ruim (PF1T).

[...] assim, além de não ter muita gente para me ajudar né, porque você começa a dar aula [...], as escolas elas não têm uma estrutura de apoio ao professor [iniciante] né, você começa meio que sozinho, você tem que se encontrar ali e começar a voar sozinho né, então foi um pouco confuso né, [...] (PF3C, acréscimo nosso).

A novidade da docência traz inquietações acerca da realidade escolar aos professores iniciantes que se relacionam com todo o seu processo formativo, impactando as suas habilidades e angústias, tais como as citadas nas falas dos professores acima. Para Huberman (2000, p. 38):

O desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo pode parecer linear, mas para outros, há patamares, regressões, bicos sem saídas, momentos de arranque, descontinuidades. O facto de sequencias-tipo não impede que muitas pessoas nunca deixem de praticar a exploração, ou que nunca estabilizem por razões de ordem psicológica (tomada de consciência, mudanças de interesses ou de valores) ou exteriores (acidentes, alterações políticas ou econômicas).

Huberman (2000), em seu estudo “O ciclo de vida profissional dos professores”, tenta compreender o destino profissional dos professores e de seus determinantes no nível de ensino secundário. Portanto, estes obstáculos experienciados pelos professores de Sociologia fazem parte da carreira dos professores de modo geral.

Olha, então, em 2014 foi muito interessante e eu trabalhava numa escola onde a direção não gostava muito de mim [...]. Eu não tinha muita

experiência então para mim essas relações de poder não aconteceriam, mas, em contrapartida, eu tinha alunos que eram sensacionais assim, então no campo de estabelecer relações pessoais nesse início foi algo muito, muito interessante entrar nesse universo da Juventude e como eu tinha o quê? 24 anos acho, não sei não lembro (PF1T).

[...] a maior dificuldade do professor de Sociologia que eu identifiquei logo no começo é ... como a disciplina é vista no ambiente escolar, [...] sempre é vista como uma disciplina secundária, sem a devida importância que deveria ter [...] (PM1M).

As relações entre indivíduos e grupos sociais, dentro da comunidade escolar, têm suas características próprias de interação. No primeiro trecho, são evidenciadas as percepções do professor sobre as relações interpessoais e de poder no ambiente de trabalho. A fala do professor remete a uma maior facilidade em se relacionar com os alunos do que com a direção da escola e parece atribuir tal situação a sua idade – ser um jovem de 24 anos facilitaria sua relação com os alunos. Essa percepção pode estar ligada ao modo como ele se comunica e a sua linguagem com os alunos, o que está implícito em seu relato.

O segundo trecho evidencia a percepção do professor sobre o status da disciplina de Sociologia na escola, que ocuparia uma posição de disciplina “menos importante”, tanto na visão dos demais colegas professores e da direção, quanto na visão dos alunos. De acordo com o entrevistado, isso constitui um desafio a mais para o professor de Sociologia, pois precisa evidenciar para a comunidade escolar a importância do conteúdo de sua disciplina para a formação do estudante.

O reflexo das questões relacionadas à obrigatoriedade da disciplina de Sociologia se encontra em diversos momentos da carreira do professor de Sociologia, mesmo antes de sua graduação. As consequências, na perspectiva da prática, refletem na não caracterização da função do professor de Sociologia. Em razão da descontinuidade da disciplina, não foi possível a formação de um conjunto de hábitos, nem de um conjunto de comportamentos e de saberes próprios dessa classe. Entende-se por saberes a experiência adquirida na prática e no processo de reflexão sobre ela, mediatizada pela de outrem, por colegas e outros educadores (PIMENTA, 2012).

Sabemos que há outras disciplinas submetidas à situação semelhante, como por exemplo a Filosofia, a Arte e a Educação Física. Tal contexto acaba por evidenciar um processo de hierarquização entre as disciplinas, no qual algumas são

consideradas mais importantes do que outras – situação reforçada pela composição do currículo e pela carga horária destinada aos componentes curriculares, além das avaliações em larga escala.

Decorre desse cenário a necessidade de organização, em âmbito nacional, das associações de área para defender a importância de tais componentes nos currículos escolares e lutar para que sejam garantidos, por força de lei, assim como ocorrido em 2008 com a Lei nº 11.684, que tornou obrigatório os componentes curriculares de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio.

Juntamente com as inquietações sobre a realidade escolar, existem aquelas relacionadas ao ensino de Sociologia. As disciplinas estabelecidas há mais tempo nos currículos escolares já formaram a sua própria cultura. A Sociologia ainda está em processo de construção, sendo assim, ainda não há um “como fazer” estabelecido. A recente obrigatoriedade da disciplina, até agora, não a consolidou em termos de didática e currículo.

Então eu sinto que a cada ano eu tenho tentado encontrar a melhor maneira de abordar esses conteúdos, inclusive na seleção desse conteúdo. Mas tem uma mudança, então no começo [...] eu tratava as aulas de uma perspectiva extremamente temática e hoje já tento mesclar a aula temática, mas utilizando autores como referência e aí, nesse material que tenho construído, vou tentando construir numa linguagem simplificada o que é de cada autor que pode ser importante [...]. (PF1T).

Hoje, eu acho que eu não tô tão perdida, porque eu senti que [no começo] tava muito perdida, assim, [...] eu não tinha um roteiro, não tinha, né, as aulas, e de repente eu começava... por exemplo, eu achava que eu tinha que ensinar Marx, Weber, Durkheim, tudo no primeiro ano do ensino médio [...], hoje eu consegui já formatar essa questão, né, eu dou uma explicada geral nesses autores no primeiro ano, mas eu trabalho mais [...] Antropologia; no segundo ano que eu venho com os clássicos e no terceiro eu trabalho política, então eu consegui, a partir da minha experiência, fazer esse roteiro de aulas que eu tô usando e tá dando certo (PF3C, acréscimo nosso).

Tendo em vista que os professores entrevistados têm mais de três anos de docência no ensino de Sociologia, os relatos acima demonstram que, com a experiência adquirida no exercício da docência, houve um amadurecimento em relação as suas práticas: esses professores constroem seus próprios materiais, sentem-se seguros com a maneira de lidar com temas polêmicos e coordenam a suas dinâmicas de ensino, apresentando-se desse modo, como professores autônomos e criativos. Inferimos que esse amadurecimento é resultado da interação complexa

entre os conhecimentos adquiridos na graduação, no exercício da prática docente, nas atividades de formação contínua e nos estudos e pesquisas para elaboração de suas aulas e materiais didático-pedagógicos. Percebemos que a independência alcançada por esses professores pode ser classificada como a “fase de estabilização”, conforme proposta por Huberman (2000). Para o autor:

No caso do ensino, a estabilização tem outros significados, como, por exemplo, a pertença a um corpo profissional e a independência. Um grande número de professores fala mesmo de “libertação” ou de “emancipação”. [...] Neste sentido, estabilizar significa acentuar o seu grau de liberdade, as suas prerrogativas, o seu modo próprio de funcionamento (HUBERMAN, 2000, p. 40)

Evidenciou-se, também nas falas dos professores, um sentimento maior de autonomia, restando demonstrado que possuem um bom domínio de conteúdo e conhecimento didático-pedagógico para elaborar o seu próprio material, considerando as especificidades da turma, da escola e do município. O sentimento de “competência pedagógica crescente” é outra característica da “fase de estabilização” (HUBERMAN, 2000, p. 40). Considerando a formação dos participantes da pesquisa, conforme dados apurados nos questionários, 47% dos professores possuem formação em nível de pós-graduação, fator que pode ter contribuído para que esses professores alcançassem a fase de estabilização.

Uma das dificuldades encontradas em relação ao ensino de Sociologia se entrelaça entre a valoração da nova disciplina e a estrutura de trabalho oferecida nas escolas: física, temporal e burocrática.

[...] algumas limitações e potencialidades tem a ver com a própria estrutura de ensino, né. Então vejo que as salas extremamente cheias, onde é impossível haver diálogo, é uma limitação, mas essa não é só uma limitação da Sociologia, é uma limitação da estrutura de ensino. Outra limitação [...] é como essa disciplina é enxergada dentro da escola pelos nossos pares, e às vezes até por alguns profissionais que lecionam Sociologia (PF1T).

Nos dados apurados nos questionários identificamos que há significativa quantidade de horas de trabalho administrativo, tanto na escola quanto fora dela (incluindo tarefas relacionadas à administração escolar – preenchimento de formulários e outras tarefas burocráticas), isso se deve ao fato de a disciplina

possuir uma carga horária reduzida e, por isso, o número de turmas dos professores (com o cargo completo de 20 horas semanais de trabalho, ele terá 16 turmas) ser maior em relação a outras disciplinas, considerando, ainda, as salas de aulas numerosas. Na fala dos entrevistados a realidade se torna clara.

Eu acho que a principal limitação é o tempo que a gente tem hoje e essa quantidade de alunos, né, que às vezes a gente fica... na hora de avaliação é uma carga de trabalho assim gigantesca (PM2M).

As limitações é que a gente tem uma aula por semana, porque infelizmente a nossa sociedade não conhece a nossa disciplina, são totalmente leigos assim em relação ao que é Sociologia [...]. (PF3C)

Outros problemas sobre o ensino de Sociologia são as estratégias didáticas e o próprio ensino da disciplina, pois os conteúdos são considerados densos para serem ensinados em tão pouco tempo. Além disso, a potencialidade da Sociologia, como ciência que transforma o modo de pensar, é considerada, por alguns professores, como um dos motivos das retiradas da disciplina dos currículos escolares.

A forma de abordagem do desenvolvimento do conteúdo de Sociologia, em sala de aula, só é definida depois de um tempo de prática: o processo de adequação se define durante a experimentação. Essa questão também foi abordada nas entrevistas, das quais destacamos o trecho abaixo:

Então, eu utilizo essa perspectiva de mesclar temas com os autores, aí vou discutindo alguns temas que eu acho importante, mas sempre tentando tá embasado em algum autor. Acho que essa minha escolha pelos autores se deve ao fortalecimento dessas ideias do *Escola Sem Partido*, por que a gente acaba sendo questionada “a professora você tá falando isso de onde? de onde você tá tirando?” Que eu acho até importante né porque a gente tira essa disciplina porque tem algumas pessoas que acham que Sociologia é para dar opinião. Então, ensinar para esse aluno que não, que a Sociologia é uma ciência que nasceu num contexto específico, que é diferente dos nossos saberes empíricos, não que os saberes empíricos não sejam importantes, mas ele entender que não é falar qualquer coisa, que Sociologia não é um post que tá sendo compartilhado no Facebook, muito pelo contrário, existe muito trabalho entorno dessas pesquisas para tentar desvendar como que funciona essas relações sociais (PF1T).

A fala do professor evidencia que, na sua prática docente, além de se preocupar com o conteúdo e a abordagem didático-pedagógica que utilizará, ele precisa realizar um trabalho de contextualização da disciplina e de seus conceitos, seja para responder ou para evitar questionamentos sobre a legitimidade da

disciplina de Sociologia. Esse desafio não é novo no ensino de Sociologia, dado o seu próprio objeto de estudo e os conteúdos que compõem a disciplina escolar Sociologia na educação básica. A necessidade de diferenciar os conhecimentos do senso comum dos estudos sociológicos sempre esteve entre as tarefas do professor de Sociologia nos diferentes níveis de ensino. Entretanto, esse desafio se torna ainda mais acentuado em momentos de ascensão de movimentos de base conservadora (ou reacionária), como o mencionado pelo entrevistado. Apesar do desafio, a fala do professor parece evidenciar um aspecto positivo desse trabalho, pois lhe permite afirmar o caráter científico de sua disciplina, elemento que valoriza e respalda o seu trabalho.

Considerações finais

Buscamos com este estudo identificar o perfil profissional dos professores que atuam como docentes da disciplina Sociologia, nas escolas estaduais de Ensino Médio do município de Uberaba, MG, e identificar a percepção desses professores acerca de sua formação e atuação docente.

Esboçando um perfil profissional dos professores de Sociologia em atuação no município de Uberaba, MG, com base nos dados apresentados neste artigo, podemos afirmar que são, em sua maioria, mulheres, jovens (entre 25 e 39 anos) e com contrato de trabalho efetivo. Possuem formação em sua área específica de atuação (Ciências Sociais) e, quase a metade deles (47%), também possui formação em nível de pós-graduação. Quanto ao tempo de atuação docente, a maioria são professores experientes, com mais de 6 anos de exercício profissional. São professores que se mostram engajados em atividades coletivas de formação continuada e que procuram estar atualizados em sua área profissional, por meio do acompanhamento de publicações e de participação em redes sociais.

O resultado desta pesquisa demonstrou que no processo de escolha do curso de graduação dos atuais professores de Sociologia do município de Uberaba, uma parte não tinha um conhecimento aprofundado do que era a Sociologia, bem como as Ciências Sociais. Considerando o percurso histórico do ensino da disciplina no país e sua recém obrigatória nos currículos do Ensino Médio, podemos inferir que a

intermitência do ensino de Sociologia no Brasil foi causa de obscurecimento das Ciências Sociais para uma parcela da população, neste caso, jovens estudantes em processo de escolha de carreira profissional.

Constatamos em nossa pesquisa que, diferentemente do quadro retratado no contexto nacional – de que há profissionais de outras áreas ministrando Sociologia nas escolas públicas –, no município de Uberaba o índice é bastante inferior em relação ao índice geral do país. Por aqui, em 2019, havia apenas 4% de professores de outras áreas do conhecimento ministrando a disciplina nas escolas estaduais, apenas um professor licenciado em Filosofia.

Entendemos que, embora não tenha sido o propósito da pesquisa, no estudo sobre os modelos formativos em Ciências Sociais há a percepção entre os entrevistados de que a formação para a docência no Ensino Superior em Ciências Sociais não produziu o efeito esperado pelos profissionais da área. Para todos os professores entrevistados não houve uma formação didático-pedagógica suficiente para o trabalho docente da disciplina.

Cabe apontar que os problemas relatados pelos professores da disciplina no início de sua carreira, em sua maioria, são problemas inerentes à carreira docente como um todo. A percepção dos professores aponta para a existência de uma distinção valorativa entre as disciplinas no ambiente escolar. A Sociologia é considerada uma disciplina de menor valor em relação às outras disciplinas do currículo, caracterizando-se como um problema adicional para o professor de Sociologia, uma vez que ele a representa. Nesse sentido, podemos dizer que a consolidação da Sociologia como disciplina escolar ainda está em construção: o “como fazer”, a didática, o currículo e a própria imagem do professor. Portanto, o seu estabelecimento também depende do posicionamento individual do professor em sua defesa, e tal relação deveria ser um projeto coletivo da categoria.

Isto posto, analisar as percepções dos professores de Sociologia sobre a sua formação e prática docente, voltadas ao ensino de Sociologia nas escolas estaduais de Ensino Médio no município de Uberaba, MG, mostrou-nos que os professores têm formação específica em Sociologia, são profissionais autônomos e criativos e identificam as contribuições da disciplina para a formação cidadã do estudante. Em suas visões, as condições do trabalho docente em torno da disciplina de Sociologia

ainda não estão completamente estabelecidas e, por isso, ainda demandam muitos estudos para a compreensão do processo ensino-aprendizagem nas escolas de Educação Básica brasileiras. Além disso, é preciso continuar a luta em defesa de que o ensino de Sociologia seja de qualidade e democrático, assim como a educação pública brasileira.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BODART, Cristiano das Neves; AZEVEDO, Gustavo Cravo de; TAVARES, Caio dos Santos. Ensino de Sociologia: processo de reintrodução no Ensino Médio brasileiro e os cursos de Ciências Sociais/Sociologia (1984-2008). *Debates em Educação*, Maceió, v. 12, n. 27, p. 214-235, jun. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8964>>. Acesso em: 19 set. 2020. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n27p214-235>.

BRASIL. Lei n.º 11.684, de 2 de junho de 2008. *Diário Oficial da União*, Brasília, 3 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GATTI, Bernadete. A formação inicial de professores para a Educação Básica: as licenciaturas. *Revista USP*, n. 100, p. 33-46, 2014.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Sociologia no Ensino Médio: Experiência da prática da disciplina. In: CARVALHO, Lejeune (org.). *Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio*. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 181-190.

GUIMARÃES, E. DA F. Ensino de sociologia no nível médio: de um passado intermitente à necessidade de reconhecimento presente. *Ensino em Re-Vista*, 16 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/14904>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca; TOMAZINI, Daniela Aparecida. Sociologia no Ensino Médio: Historicidade e Perspectivas da Ciência da Sociedade. In: CARVALHO, Lejeune (org.). *Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio*. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 195-218.

HANDFAS, Anita. Formação de Professores de Sociologia: reflexões sobre os modelos formativos. In: HANDFAS, Anita.; OLIVEIRA, Luz Fernandes de. (Org.) *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-62.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo Escolar 2017: Notas Estatísticas*. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_e_statisticas_Censo_Escolar_2017.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2018.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2018* [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf>. Acesso em: 16 de jun. de 2020.

LENNERT, Ana Lucia. Professores de sociologia: relações e condições de trabalho. 2009. [131 p.]. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/251108>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5. ed. rev. ampl. Goiânia: MF Livros, 2008.

LIMA, Rogerio Mendes de. A sociologia no ensino básico: desafios e dilemas. In: HANDFAS, Anita.; OLIVEIRA, Luz Fernandes de. (Org.) *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

LINS, Carla Patrícia Acioli. Processo de profissionalização docente: o contexto das práticas. *Estudos de Sociologia*, [S.l.], v. 1, n. 19, ago. 2014. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235531/28508>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MORAES, Amary César. Desafios para a implantação do ensino de sociologia na escola média brasileira. In: HANDFAS, Anita.; OLIVEIRA, Luz Fernandes de. (Org.) *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido (org.) *Saberes Pedagógicos e atividade docente*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. A Sociologia no Ensino Médio: perfil dos professores, dos conteúdos e das metodologias no primeiro ano de reimplantação nas escolas de Londrina – PR e Região – 1999. In: CARVALHO, Lejeune (org.). *Sociologia e Ensino em Debate: experiências e discussões de sociologia no ensino médio*. Ijuí: Unijuí, 2004.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. Fundamentos e metodologias do ensino de sociologia da educação básica. In: HANDFAS, Anita.; OLIVEIRA, Luz Fernandes de. (Org.) *A sociologia vai à escola: história, ensino e docência*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2009.

SILVA, Patrícia de Oliveira Branquinho. A percepção dos professores de Sociologia do município de Uberaba, MG sobre sua prática docente. 2020 [97f.]. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2020.

SOBRAL, Laísse Silva Lemos. *As condições de trabalho docente do cientista social no ensino médio: um estudo de caso em Goiânia-Goiás*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, 2015.

Recebido em: 20 jul. 2020.

Aceito em: 29 set. 2020.

COMO REFERENCIAR

FERNANDES, Natalia Aparecida Morato; SILVA, Patrícia de Oliveira Branquinho. O perfil dos professores de Sociologia do município de Uberaba e suas percepções sobre sua formação e atuação docente. *Latitude*, Maceió, v.14, n. 1, p.25-49, 2020.